

O gesto no processo de ensino e aprendizagem de Português Língua Estrangeira

— A relação gesto-significado e expressão linguística:
uma análise contrastiva entre o PE e o PB —

Shiro IYANAGA
Karina SALDANHA

<Summary>

Gesture is an essential aspect of the language, playing a major role in the human communication.

Being, simultaneously, an expression of the thought and a cultural vehicle, some gestures are common to different countries and cultures. However, they cannot be considered as a *lingua franca* due to its multiplicity of meanings, which depends on the culture, on the region, but also on the context in which it occurs.

Thus, in the process of acquisition of a Foreign Language, we believe that it's essential to consider the non-verbal aspects of the language, following the principle that the proficiency level in a Foreign Language should be measured not only by the knowledge of the linguistic aspects, but also through the extralinguistic aspects, as contemplated on the Common European Framework of Reference for Languages.

Based on the authors and teachers accumulated experience over the years, a Project named *Portuguese Gestures* was first launched in the academic year of 2007 by the Department of Portuguese and Brazilian Studies, of which the initial purpose was to create a didactic material for the students of the Portuguese as Foreign Language at the Kyoto University of Foreign Studies.

This paper aims to present this Project and its development process, specially analyzing the differences between three aspects of the European and Brazilian Portuguese: the relation between the linguistic expression, the gestures and their meanings.

Key words: Gesture, Non-verbal, Language Learning, Portuguese as Foreign Language, European Portuguese, Brazilian Portuguese, Common European Framework of Reference for Languages.

I. Introdução

Os gestos constituem uma parte intrínseca e fundamental da comunicação humana. No entanto, e apesar de estarem presentes em todas as culturas, não podemos considerá-lo como uma

língua franca, visto que se revestem de especificidades que variam de acordo com a cultura, com o espaço geográfico e o contexto no qual ocorrem, o que, por sua vez, pode resultar em equívocos e mal-entendidos no ato de comunicação.

A título de exemplo, consideremos o caso de uma turista brasileira recém-chegada ao Japão que se dirige ao restaurante do hotel para tomar o pequeno-almoço, onde, ao entrar, se depara com um empregado que cruza os braços em forma de cruz ou «x», querendo transmitir que não poderá entrar pois o restaurante encerrou. Entre os falantes nativos japoneses, o significado deste gesto seria simplesmente entendido como negação. Todavia, o facto de, entre os ocidentais, tal gesto — cuja origem é de cariz religioso —, representar a cruz de cristo, sendo sobretudo invocado quando alguém enfrenta um perigo ou para afugentar os maus espíritos, poderia desencadear um equívoco na interpretação a alguém que não conheça o significado deste gesto na cultura japonesa, sobretudo devido ao traço de multiplicidade de significados associados a um conjunto significativo de gestos.

Como este caso a que aludimos, muitos outros exemplos existem de gestos que poderão, eventualmente, originar equívocos, alguns dos quais abordaremos no presente artigo. Situações como esta fazem-nos crer que é fundamental lançar um olhar atento e analítico sobre os gestos enquanto elemento intrínseco de uma língua e indispensável no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira (LE).

No presente artigo, temos como objetivo apresentar uma análise teórico-pragmática em torno dos gestos classificados como «emblemáticos», isto é, dos gestos convencionais (McNeill 2008: 2).

Num primeiro momento, procuraremos definir a palavra «gesto» dada a abrangência dos significados a ela associados, seguindo-se, num segundo momento, uma breve reflexão acerca das teorias vigentes relativamente às origens do gesto e da linguagem. Na terceira parte, apresentaremos a nossa fundamentação teórico-pragmática do projeto de edição do manual «Gestos em Português» desenvolvido pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto conjuntamente com mais duas instituições universitárias (Universidade de Coimbra e Universidade de São Paulo). Em seguida, apresentaremos o projeto à luz das premissas contempladas no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (doravante QECR) e a produtividade da aplicação deste projeto no processo de ensino e aprendizagem. Finalmente, apresentaremos as nossas conclusões.¹⁾

II. Para uma definição de *gesto*

De acordo com Kendon (1981: 153), a palavra «gesto» deriva do étimo latino «gerere» o qual, por sua vez, significa «carregar», «levar até alguém», «encarregar-se de», «levar a cabo» ou «realizar». De acordo com o mesmo autor, esta palavra surge primeiramente nos tratados de retórica em referência à influência dos movimentos do corpo, dos braços e da face durante o discurso. No dicio-

nário Priberam da Língua Portuguesa, a primeira definição de gesto é um «movimento expressivo de ideias».²⁾

Tais aceções levam-nos a inferir que a palavra «gesto» está fortemente associada à ideia de movimento, movimento este que não se resume somente aos braços, mas também, como afirmam Quek et al. (2006, apud Cavalcante et al. 2016: 412) «à expressão facial e à troca de olhares».

Adam Kendon categorizou os diferentes tipos de gestos existentes num esquema, o qual foi mais tarde completado e denominado por McNeill como *Continuum* de Kendon em homenagem ao seu autor (McNeill 1992, 2008).

Gesticulation → Speech-Linked Gestures → Pantomime → Emblems → Sign language

Figura 1 – *Continuum* de Kendon³⁾

Seguem-se, de acordo com McNeill (2008), a categorização e definição dos diferentes tipos de gestos:

Gesticulação – é o movimento que, de forma geral, acompanha a fala. Trata-se do tipo de gesto que ocorre com mais frequência. É sobretudo associado aos movimentos da mão e do braço mas não se restringe a estas partes do corpo: os movimentos da cabeça, das pernas e dos pés também são considerados.

Gestos Preenchedores (*Speech Linked Gestures*) – o termo foi cunhado por Karl Erik McCullough e refere-se a gestos que completam uma parte da oração. Estes gestos diferem da gesticulação por não ocorrerem em simultâneo com a fala, mas por preencherem «um espaço vazio» da mesma.

Emblemas - são os sinais convencionais, denominados «gestos simbólicos» na aceção de (Morris, 1979: 21). Estes gestos caracterizam-se pelo traço particular de, não raras vezes, substituírem a fala, mas poderem ocorrer também em simultâneo: «These gestures are meaningful without speech, although they also occur with speech» (McNeill, 2008: 1).

Terá sido certamente por este motivo que Kendon introduziu o termo «quotable gesture», referindo-se ao «potencial de maior ou menor tradução» desta tipologia de gestos. Um exemplo de emblema ou «gesto emblemático» é o polegar erguido no sentido de «OK». Devemos destacar ainda que, os emblemas são culturalmente específicos, têm formas e significados estandarizados e variam de acordo com a área geográfica (McNeill, 2008: 2). É este o tipo de gesto sobre o qual nos pretendemos debruçar ao longo do presente artigo.

Pantomimas – são gestos ou uma sequência de gestos que obedecem a uma narrativa e que contam uma história sem o recurso a palavras. Recordemos, a título de exemplo algumas cenas de certos filmes do artista Charles Chaplin, ou até atuações de mimos. Por outras palavras, é a

arte de «narrar com o corpo».

Sinais (*Sign Language*) – são palavras representadas por meio de uma linguagem de «sinais», como é o caso da linguagem gestual. Os sinais dispensam o recurso à fala.

Deve-se destacar que, à medida que avançamos no *continuum*, verificamos duas mudanças recíprocas de acordo com MC Neill: «First, the degree to which speech is an obligatory accompaniment of gesture *decreases* from gesticulation to signs. Second, the degree to which a gesture shows the properties of a language *increases*» (McNeill 2008: 3). Desta forma, analisando os dois pólos do esquema, concluímos que a gesticulação se realiza em simultâneo com a fala, não possuindo, por si só, um significado linguístico. Contrariamente, os sinais não precisam de ser acompanhados pela fala, bastando-se a eles próprios como meio de comunicação.

III. Linguagem e gesto — evolução no eixo diacrónico

Delimitado o nosso objeto de pesquisa, pretendemos agora lançar um breve olhar diacrónico sobre a evolução das teorias em torno do desenvolvimento da linguagem.

Escrita no século I, o tratado *Institutio Oratoria* de Quintiliano é considerado como um dos primeiros estudos que aborda os gestos, onde o autor condensa os princípios que, a seu ver, um bom orador deverá possuir e dominar.

A perspetiva segundo a qual a comunicação gestual está na base da linguagem tem origem no século XVIII, altura em que o padre e filósofo Abbé de Condillac publica uma fábula⁴ onde relata a história de duas crianças (um rapaz e uma rapariga) abandonadas num deserto que começam a comunicar através do recurso à linguagem corporal. Sempre que o rapaz queria alguma coisa, não se limitava a produzir sons vocais, mas exprimia-o através de movimentos corporais: «He did not confine himself to cries or sounds only; he used some endeavors to obtain it, he moved his head, his arms, and every part of his body» (Condillac, 1746, apud Corballis 2010: 2). Esta tese foi defendida por muitos outros autores, tais como Jean Jacques Rousseau, Friedrich Nietzsche, William Wundt, Taylor e Gordon W. Hewes, (entre outros), contudo, a obra *Nonverbal communication: notes on the visual perception of human relations* (1956) de Jurgen Ruesch e de Weldon Kees foi provavelmente a primeira a mencionar o termo «comunicação não-verbal» como título (Cavalcante, 2016: 414).

O campo de estudo da linguagem corporal nunca foi alvo de análise de um só campo científico, tendo desde cedo despoletado o interesse de investigadores das mais diversas áreas, tais como a antropologia, a psicologia, a sociologia ou a biologia. A título de exemplo, Charles Darwin publicou em 1872 a obra *A expressão das emoções em homens e animais*. (Cavalcante 2016). Contudo, é após a Segunda Guerra Mundial que o interesse pelo estudo dos gestos é reavivado, tendo-se destacado no

campo da psicologia o estudo empreendido pelo casal Allen e Beatrix Gardner cujo objetivo consistiu em ensinar chimpanzés a comunicar através da ASL.⁵⁾ O resultado deste estudo, que se mostrou um sucesso, foi documentado na publicação *Teaching Sign Language to a Chimpanzee* (1969).⁶⁾ Com efeito, já anteriormente outros esforços tinham sido empreendidos no sentido de dotar os chimpanzés da faculdade da fala. Contudo, nenhuma experiência se tinha revelado tão bem sucedida quanto esta dos Gardner, o que veio, por sua vez, constituir uma forte base de sustentação entre muitos autores para a ideia de que os gestos terão estado na origem da linguagem humana.

O resultado das referidas investigações vieram revelar que os chimpanzés — considerados como o animal geneticamente mais próximo do homem —, têm mais facilidade em aprender a comunicar através dos gestos, o que sugere, por sua vez, que os nossos antepassados estariam mais predispostos a adquirir competências comunicativas através do recurso aos gestos do que através de sons vocais (Corballis, 2009: 3).

Em 1973, o antropologista Gordon W. Hewes traz uma reflexão profunda em torno da origem da linguagem ao publicar o artigo *Primate Communication and the Gestural Origin of Language*, onde refere, entre outros aspetos, o sucesso do estudo levado a cabo pelo casal Gardner e mencionando que, para o *Homo Erectus*, o ato de caçar mamíferos, criar ferramentas ou de manusear o fogo seriam impossíveis sem a existência de «uma linguagem rudimentar». Porém, apesar de vários autores defenderem a teoria do gesto como meio precursor da comunicação e de esta se tratar de uma discussão iniciada há décadas, esta não se trata de uma ideia unânime: a partir de 1980 muitos estudiosos começaram a analisar mais profundamente os aspetos da comunicação não-verbal na sua relação com outras matrizes comunicativas (como a verbal e auditiva), defendendo uma perspetiva integrada.

Nos Estados Unidos, a relação multimodal fala-gesto tem sido especialmente discutida por autores como Adam Kendon, David Mc Neill, Charles Goodwin, Cynthia Butcher e Susan Goldin-Meador. Na Europa, John Laver e Janet Beck têm-se dedicado aos estudos da relação entre a postura, os gestos e a voz, e em França, também Isabelle Guaitella e Jacques Boyer têm desenvolvido investigações neste campo (Cavalcante et al. 2016: 415). Assim, desde a publicação do artigo de Hewes em 1973 a teoria gestual da origem da linguagem conheceu consideráveis desenvolvimentos, que, não sendo unânimes, contribuíram para uma compreensão aprofundada da evolução do Homem e, por conseguinte, da evolução da linguagem.

Finalmente, tendo em conta a natureza especulativa no que concerne as teorias da evolução humana, não poderá existir uma resposta final e que possa ser considerada como sendo a mais correta, mas todas as investigações abrem caminho a novas hipóteses, podendo servir como guia para uma melhor compreensão da natureza da linguagem e da evolução do Homem.

IV. O Projeto Gestos em Português

1. Apresentação

Foi no ano letivo de 2006/2007 que nasceu, pelas mãos de dois docentes⁷⁾ do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto (doravante UEEQ), o projeto *Gestos em Português*. Resultante de uma investigação de longa data, o objetivo inicial era o de conceber um manual direcionado para os estudantes da licenciatura de Estudos Luso-Brasileiros da UEEQ que incidisse sobre alguns gestos convencionais portugueses, contemplando também uma abordagem gramatical e cultural.

Na verdade, são numerosos os estudos existentes dedicados aos gestos e à análise da relação gesto-fala, contudo, no âmbito da língua portuguesa, para além da escassez de estudos a ela consagrados, as descrições apresentadas são, frequentemente, pouco sistemáticas. No contexto do ensino e da aprendizagem de uma LE, consideramos que o nível de proficiência deve ser medido não apenas pela competência comunicativa oral, mas também, como afirma (Stam, 2008: 3) pela competência não-verbal: *«if both nonverbal communication and verbal communication are part of learners communicative competence, then we need to look at learner's gestures as well as their speech to have a true sense of their proficiency in their L2»*.⁸⁾

Também o QECR indica que o desenvolvimento da proficiência linguística deve contemplar, durante o seu processo de aquisição, a abordagem de «aspetos paralinguísticos», (2001: 131) os quais compreendem os gestos.

Em seguida, apresentaremos as etapas inerentes ao processo de desenvolvimento do mencionado projeto.

2. Etapas de elaboração

Definido o objetivo, os autores iniciaram uma profunda pesquisa com o intuito de selecionar um conjunto de trinta emblemas e expressões linguísticas correspondentes, consideradas como sendo comuns no registo coloquial do PE e apropriadas para o contexto de ensino e aprendizagem do Português como Língua Estrangeira (PLE).

Após a seleção das expressões e gestos, os autores começaram a delinear os primeiros diálogos contendo as respetivas expressões linguísticas típicas.⁹⁾ Em cada diálogo, foram explorados pelos autores os aspetos gramaticais e culturais adjacentes, de modo a proporcionar um material de estudo enriquecedor para os estudantes. Após a conclusão desta etapa, os diálogos foram ordenados de acordo com o grau de complexidade (do mais simples para o mais complexo) e todos os textos, — incluindo as explicações gramaticais e culturais — foram traduzidos para japonês.

A par com a criação do manual, fazia parte dos objetivos inicialmente delineados pelos autores

a criação de documentos audiovisuais de todos os diálogos, o que foi primeiramente levado a cabo na UEEQ, passando depois pela Universidade de Coimbra (doravante UC) e posteriormente pela Universidade de São Paulo (doravante USP), aquando da identificação da necessidade de integrar a variante do PB no presente projeto.

Os gestos, devido à rapidez e espontaneidade com que são normalmente executados durante o ato de fala, quando descritos apenas por escrito, como é o caso de «abandar o punho em sinal de protesto» não são suficientemente inteligíveis para o leitor. Mencionando um outro exemplo, a descrição escrita do gesto «assim-assim», embora aparentemente simples, apresenta alguma complexidade. A descrição textual poderia ser algo como: «abrir a palma da mão e movimentá-la da esquerda para a direita e vice-versa, num movimento oscilatório». Ora a leitura deste tipo de indicações não é, do ponto de vista do aprendente, suficiente para reproduzir fielmente o gesto. Este foi um dos aspetos que esteve na base da decisão, por parte dos autores, de criar os documentos audiovisuais, o qual resultou no conjunto de vídeos em PE e em PB do Projeto *Gestos em Português*, que atualmente constitui uma parte imprescindível do manual. Do ponto de vista do processo de ensino e aprendizagem, para além de proporcionar a visualização do gesto, o vídeo constitui um importante elemento no desenvolvimento da competência oral.

O processo de elaboração dos vídeos contou, como anteriormente mencionado, com a participação de docentes e estudantes das três Universidades participantes neste projeto: a UEEQ, a USP e a UC. Para a recriação de um ambiente próximo do real, contribuiu de forma muito positiva o espírito improvisador bem como a espontaneidade dos estudantes que participaram nas filmagens.

3. A integração da variante do Português do Brasil

Durante o processo de elaboração dos diálogos e dos vídeos, os autores chegaram à conclusão de que se afigurava necessário alargar o projeto para uma das variantes da língua portuguesa: o português do Brasil. Como afirma Teyssier (1976: 13), «quiconque veut véritablement dominer le portugais devra, après avoir maîtrisé les mécanismes propres à celle des deux normes qu'il aura choisie, acquérir une certaine connaissance des principales caractéristiques de l'autre». Apesar dos inúmeros pontos em comum entre as duas variantes da língua portuguesa, existem, por outro lado, muitas diferenças entre o PB e o PE nos aspetos sintático, gramatical e fonético, e um estudante da língua portuguesa, deverá ter uma certa noção dessas diferenças.

No decurso da pesquisa realizada no âmbito do presente trabalho, os autores constataram que no quadro de uma perspetiva comparativa entre o PE e o PB, existem um conjunto de diferenças ao nível dos gestos e das expressões linguísticas que tipicamente os acompanham, apresentando um quadro de alguma complexidade, como veremos.

A adaptação dos diálogos para o PB foi realizada a partir dos diálogos inicialmente criados em

PE, tendo contado com a colaboração da Doutora Célia Dias da USP, professora visitante na UEEQ em 2011. No ano seguinte, os diálogos também foram filmados na Universidade de São Paulo por uma equipa direccionada pela Doutora Célia Dias e pelo Doutor Joel Sene.¹⁰⁾

4. Estrutura do manual

O manual é composto por duas partes: uma parte em PE e outra parte em PB. Cada uma das partes compreende um conjunto de trinta diálogos, os quais se encontram ordenados de acordo com o princípio da progressão, do mais simples para o mais complexo em termos do grau de dificuldade gramatical, lexical e sintático. É ainda de destacar que cada uma das trinta expressões linguísticas e cada um dos diálogos foi traduzido para língua japonesa, por forma a constituir um manual de fácil compreensão para os estudantes de PLE, contribuindo por outro lado para o estímulo do estudo autónomo. A finalidade deste manual é o de reproduzir, por escrito, um registo fiel de um conjunto seleccionado de gestos vigentes em Portugal e no Brasil no início do século XXI.

Cada diálogo é acompanhado por ilustrações que remetem para o emblema respeitante ao diálogo e pelo CD, o qual apresenta um índice dividido nas seguintes cinco partes: prólogo; diálogos em PE; diálogos em PB; gramática e notas culturais. A obra completa encontra-se em formato *pdf*, nas duas variantes. Todos os diálogos e vídeos, os quais perfazem um total de cem ficheiros, foram alocados num servidor, permitindo a visualização permanente online e podendo ser acedidos a partir de qualquer dispositivo com ligação à internet, como o smartphone, computador ou tablet.¹¹⁾

5. O processo de criação dos vídeos em PE

No seguinte quadro, apresentamos uma amostra da informação respeitante às filmagens dos diálogos, com a indicação do número do vídeo, o gesto e as respetivas indicações cénicas.

Vídeo	Diálogo	Gesto	Indicação cénica
1	<i>Então vamos!</i>	Indicação de direção	Inclinar ligeiramente a cabeça e dirigir o olhar na direção a indicar.
4	<i>Então anda!</i>	Vir (ordem)	Gesto da mão com a palma para cima.
7	<i>Passa a vida a dar graxa!</i>	Bajular	Imitar o ato de engraxar sapatos.
8	<i>A mim ninguém me engana!</i>	Esperteza	Puxar a área do rosto inferior ao olho com o dedo indicador
9	<i>É de trás da orelha!</i>	Prato delicioso	Tocar no lóbulo da orelha com o polegar e o indicador e abanar ligeiramente.
10	<i>Assim-assim.</i>	Assim-assim	Movimentar a palma da mão para um lado e para o outro, para cima e para baixo.
10	<i>Dinheiro</i>	Dinheiro	Esfregar o polegar nos dedos indicador e médio.

13	<i>Não deve andar bem da cabeça.</i>	Não estar bem da cabeça	Fazer movimentos circulares com o dedo indicador junto à têmpora.
15	<i>Depois ligo-te.</i>	Telefonar	Colocar a mão junto à orelha com os dedos polegar e mindinho esticados.
25	<i>Estou-me nas tintas.</i>	Indiferença	Com as palmas abertas, bater as pontas dos dedos alternadamente.
29	<i>Vou ficar a torcer.</i>	Sorte	Cruzar os dedos, pondo o médio sobre o indicador.

Tabela 1 - Diálogos em PE

V. O Português Europeu e o Português do Brasil

1. Diferenças entre o PE e o PB: algumas considerações

Como afirma Teyssier (1975: 13), «Il existe des différences entre le portugais du Portugal et celui du Brésil. Ces différences concernent tous les aspects de la langue — phonétique, vocabulaire, morphologie, syntaxe».

Barreiro et al. (1995) realizaram um estudo que consistiu num levantamento das diferenças ao nível lexical entre as variantes do PE e do PB, do qual citamos alguns exemplos na tabela seguinte. (O travessão (—) significa «ausência de termo equivalente»).

	Referente	PE	PB
Tipo 1 a	bus	autocarro	ônibus
	stewardess	hospedeira	aeromoça
Tipo 1 b	life-guard	banheiro	salva-vidas
	bathroom	casa de banho	banheiro
Tipo 1 c	asphalt highway	(estrada de) alcatrão	(estrada de) asfalto
	cardboard	cartão	papelão
Tipo 2-1	kind of corn	—	abatil
	bucket for waterwheel	alcatruz	—
Tipo 2-2	holm oak	azinheira	—
	sapodilla (fruit)	—	sapoti

Tabela 2 - Diferenças lexicais entre o PE e o PB (Barreiro, 1995: 3-4)

Não desenvolveremos de forma exaustiva no presente artigo as variações lexicais respeitantes ao PE e ao PB, pois esse não é o objetivo deste trabalho. No entanto, consideramos fundamental fazer uma análise contrastiva de algumas variações lexicais e sintáticas e ao nível dos gestos mencionadas no livro *Gestos em Português*. Por exemplo, o gesto correspondente ao sentimento de *indiferença* é comum a ambas as variantes, no entanto, as expressões linguísticas que habitualmente

as acompanham são diferentes. Apresentamos na tabela seguinte a síntese destas relações:

Referente	PE	PB
indiferença	G1 - EL1	G1 - EL2
	“estar-se nas tintas”	“não estar nem aí”

Tabela 3

Como mencionado neste quadro, para o gesto que simboliza *indiferença*, a expressão linguística (EL) associada ao gesto em PE é «estar nas tintas», enquanto no PB é «não estar nem aí». Do mesmo modo, para o referente «avareza», o gesto largamente conhecido quer no PB quer no PE é o gesto da mão fechada. Apesar de também este gesto ser comum às duas variantes, a EL que as acompanha é diferente, conforme sintetizado na seguinte tabela.

Referente	PE	PB
avareza	G1 - EL1	G1 - EL2
	“ser agarrado”	“ser pão-duro”

Tabela 4

Numa análise que abarca o referente, o gesto e a expressão linguística verificamos a existência de numerosos casos análogos aos indicados nas tabelas 3 e 4, verificando-se, assim, que apesar da distância geográfica, o PE e o PB partilham alguns gestos simbólicos.

Ainda um outro aspeto a destacar é que para um mesmo referente ou expressão linguística podem coexistir, numa mesma cultura, gestos diferentes: no caso do referente «avareza», em PE são aparentemente conhecidas duas variantes do gesto, dependendo da região: uma é mostrar a mão fechada e a outra é mostrar os dois dedos do indicador e médio em forma de um «L» invertido. Na seguinte tabela, sintetizamos a variação verificada no caso deste emblema no que diz respeito à relação entre o gesto, a expressão linguística e a região.

Referente	Critério	Gesto	Expressão Linguística
avareza	R1	G1	EL1
	R2	G2	

Tabela 5

Apresentámos, até aqui, algumas relações de diferença e similitude entre as duas variantes. Verificámos, nos casos referidos alguns pontos em comum tais como o gesto ou a expressão linguística. No entanto, no decurso da nossa análise, observámos também a existência de casos em que o gesto e a expressão linguística não partilhavam o mesmo sentido. É o caso da expressão «dar

graxa»¹²⁾, a qual, em PE é tipicamente acompanhada por um gesto que mimetiza o ato de «engraxar sapatos». Este gesto, facilmente reconhecido pelos falantes de PE e de registo coloquial, não é nem conhecido nem inteligível na variante do PB. Acresce ainda a este facto que a expressão idiomática «dar graxa» possui uma conotação muito diferente no PB, significando «subornar». Este exemplo concreto permite-nos inferir que, efetivamente, tal como no léxico, existem variações notórias na relação referente, gesto e expressão linguística entre o PE e o PB.



Figura 2 - «Dar graxa» (PE)

No PB, a expressão equivalente a «dar graxa» é «puxar saco», a qual, por sua vez, possui uma conotação negativa. Relativamente à expressão «dar graxa» em PB, o correspondente em PE é a expressão «dar luvas». Na tabela seguinte apresentamos uma síntese destes aspetos. O travessão indica a inexistência de equivalência.

Referente	PE	PB
brown-nose	G1- EL1	— EL2
	“dar graxa”	“puxar saco”
give bribes	“dar luvas”	“dar graxa”

Tabela 6

Em suma, verificamos através dos casos que ilustramos que apesar de a língua portuguesa ser apenas uma, analisando lado a lado as duas variantes, existem um conjunto significativo de especificidades, as quais se estendem muito para lá dos aspetos gramaticais, fonéticos e sintáticos. Sendo o gesto também reflexo e veículo de uma determinada cultura, afigurou-se desta forma fundamental abarcar as variantes do PE e do PB no projeto.

Na tabela seguinte apresentamos uma síntese das relações de similitude e diferença identificadas na relação entre o gesto, o referente e a expressão linguística entre as duas variantes ao longo da investigação que levamos a cabo.

	Gesto	EL
1	PE = PB	PE = PB
2	PE = PB	PE ≠ PB
3	PE ≠ PB	PE = PB
4	PE ≠ PB	PE ≠ PB

Tabela 7

No decurso do processo de pesquisa, identificámos, como acima sintetizado, os seguintes contrastes e pontos semelhantes no que diz respeito à relação gesto e expressão linguística das

variantes do PE e do PB:

- (1) os gestos bem como a expressões linguísticas são idênticos
- (2) os gestos são comuns às duas variantes ou muito semelhantes mas as expressões que os acompanham e os seus sentidos são diferentes
- (3) os gestos diferem mas as expressões são idênticas
- (4) os gestos bem como as expressões linguísticas são diferentes

2. Análise contrastiva dos diálogos em PE e PB

Como anteriormente afirmámos, foi a partir dos diálogos previamente criados em PE que se procedeu à adaptação para a variante do PB. Apresentam-se, no quadro seguinte, as conclusões a que os autores chegaram durante a investigação levada a cabo, no que diz respeito aos pontos diferentes e comuns da relação entre gesto e expressão linguística das duas variantes. A sigla «I» significa que o gesto correspondente em PB é equivalente ao do PE e a sigla «D» indica, por sua vez, a divergência entre as variantes.

PE	PB	Diálogo em PE	Indicação cénica	Gesto em PB	EL em PB
1	1	<i>Então vamos!</i>	Inclinar ligeiramente a cabeça e dirigir o olhar na direção a indicar.	I	D
4	4	<i>Então anda!</i>	Gesto da mão com a palma para cima.	I	D
7	7	<i>Passa a vida a dar graxa!</i>	Imitar o ato de engraxar sapatos.	D	D
8	8	<i>A mim ninguém me engana</i>	Puxar a área do rosto inferior ao olho com o dedo indicador.	I	D
9	9	<i>É de trás da orelha!</i>	Tocar no lóbulo da orelha com o polegar e o indicador e abanar ligeiramente.	I	D
10	10	<i>Assim-assim.</i>	Movimentar a palma da mão para um lado e para o outro, para cima e para baixo.	I	D
10	8	<i>Dinheiro</i>	Esfregar o polegar nos dedos indicador e médio.	I	D
13	13	<i>Não deve andar bem da cabeça.</i>	Fazer movimentos circulares com o dedo indicador junto à têmpora.	I	D
15	15	<i>Depois ligo-te.</i>	Colocar a mão junto à orelha com os dedos polegar e mindinho esticados.	I	D
25	25	<i>Estou-me nas tintas.</i>	Com as palmas abertas, bater as pontas dos dedos alternadamente.	I	D
29	29	<i>Vou ficar a torcer</i>	Cruzar os dedos, pondo o médio sobre o indicador.	D	D

Tabela 8 – Análise contrastiva entre o PE e o PB

As diferenças verificadas ao nível lexical entre as duas variantes são, nalguns casos, muito subtis: por exemplo, no quarto diálogo, as expressões do PE e PB são as seguintes:

	Expressão Linguística
PE	(1) Então anda! Despacha-te!
PB	(2) Então, anda. Se apressa!

Tabela 9

A construção frásica de (2), «se apressa», é típica da norma brasileira, e apesar de poder, eventualmente, causar alguma estranheza entre os falantes de PE, é perfeitamente inteligível. Porém, a frase (1) poderá deixar perplexos os falantes do PB, que certamente desconhecem o verbo «despachar-se».

Relativamente ao gesto correspondente a ambas as expressões, é comum às duas variantes, contudo, verificamos um pequeno pormenor: no Brasil, o mesmo gesto é seguido por um outro que se caracteriza por um movimento muito rápido de sacudir os dedos. Há, aparentemente, um ligeiro estalar de dedos, o que torna este gesto distinto devido ao seu traço sonoro.

VI. Os gestos e a multiplicidade dos seus significados

Contrariamente à linguagem gestual que permite comunicar uma sequência de ideias, os gestos abordados neste trabalho são simbólicos, o que quer dizer que a combinação sucessiva de vários gestos dificilmente poderia constituir uma sequência de frases com sentido. Normalmente, a expressão linguística associada a um gesto compreende uma frase breve como «Anda!» ou «Depressa!», ou ainda, uma frase idiomática, como «está com dor de cotovelo». A juntar a este fator, o traço de «multiplicidade de significados» que caracteriza um vasto conjunto de gestos, faz com que o significado de determinados gestos possam apenas ser compreendidos à luz do contexto na qual ocorrem. É o caso do gesto que simboliza a ideia de «medo» entre os falantes do PE, que possui também o significado de «grande número de pessoas» num determinado local.

O(s) significado(s) de determinado gesto dependem ainda do fator geográfico e territorial, como documentou Desmond Morris no estudo¹³⁾ que conduziu: o mesmo gesto que em Portugal é largamente conhecido como representando a ideia de «avareza», noutros países pode ter os seguintes significados: «dúvida»; «bom»; «crítica» ou «lentamente» (1979: 76). Através do referido estudo, conduzido em quarenta países da Europa Ocidental, Morris demonstrou as variações de significado existentes num conjunto de vinte gestos. A este propósito, afirmou o autor: «*Não era exatamente o que esperávamos quando começámos o estudo de campo. Tínhamos imaginado que determinado gesto seria popular numa região e raro ou não existente noutras. O que descobrimos (...) foi que o gesto era*

bem conhecido quase em toda a parte e apenas os significados específicos acusavam variações regionais. Longe de tornar mais fáceis as coisas para o visitante estrangeiro, este facto dificulta duplamente a situação. Não só o seu próprio significado do gesto é desconhecido de muitos numa terra estranha, como também encontrará o mesmo gesto com significado totalmente diferente. Quantas vezes terá isto levado a erros de interpretação é difícil supor» (1978: 157).

Esta diversidade de significados pode, entre culturas diferentes, constituir um obstáculo na comunicação e também originar alguns equívocos. Traçando uma análise comparativa entre a cultura japonesa e a cultura portuguesa, em Portugal, quando se deseja mostrar agrado face a uma refeição, é comum tocar no lóbulo da orelha com os dedos polegar e indicador, gesto que é acompanhado geralmente por uma das seguintes expressões: «É daqui» ou «É de trás da orelha». No Japão, contudo, um gesto muito idêntico significa que algo está «quente». Na Índia, um gesto muito parecido, que se diferencia apenas pelo facto de consistir em puxar ambos os lóbulos da orelha, é utilizado para pedir perdão.



Figura 3 - «É de trás da orelha» (PE)

No âmbito do presente trabalho, conduzimos um inquérito a um conjunto de vinte falantes nativos do PE, inquirindo-as acerca da leitura que fariam de alguns gestos conhecidos no Japão. Relativamente ao gesto que mencionámos anteriormente, mais de metade dos inquiridos respondeu que associaria o gesto à expressão de agrado, tal como prevíamos. Elencámos algumas das respostas obtidas no referido inquérito: «*Delicioso! Quando queremos dizer que é bom, está de trás da orelha*»; «*Gesto de felicidade, usado muitas vezes para elogiar uma excelente refeição.*»; «*Está aqui*», «*Sinal que uma refeição está muito boa.*»

Desta forma, concluímos que apesar de um gesto poder ser comum a duas ou mais culturas geograficamente distantes, pode possuir significados totalmente diferentes, podendo constituir assim um obstáculo à comunicação entre os falantes de culturas diferentes. Esta conclusão vem reforçar a importância do estudo dos gestos no processo de ensino e aprendizagem de uma LE.

VII. O projeto à luz do QECR

1. O estudo dos gestos na aquisição de competências extralinguísticas

No quadro do processo de ensino e aprendizagem de uma LE e mais concretamente do PLE, consideramos fundamental como afirmámos inicialmente abarcar no currículo dos aprendentes o estudo de aspetos da linguagem não-verbal, uma vez que este aspeto da linguagem constitui um dos fatores a ter em conta na aferição do grau de proficiência numa língua estrangeira, mas também porque o seu conhecimento contribui largamente ao desenvolvimento da competência de comunicação e descodificação numa LE. Também no QECR encontramos referência à importância de

contemplar, no processo de ensino e aprendizagem de uma LE, alguns aspetos referentes à comunicação não-verbal, do qual fazem parte os gestos.

De acordo com o QECR, um dos indicadores da proficiência linguística numa LE é o «comportamento paralinguístico», o qual compreende a linguagem corporal, e, evidentemente, os gestos: «A linguagem corporal paralinguística difere de outros gestos que são acompanhados por linguagem, na medida em que veicula significado convencional, que pode variar de uma cultura para outra» (QECR, 2001: 131). Como referimos no presente artigo, o não-conhecimento da forma de leitura de determinados gestos pode não só constituir um obstáculo no ato de comunicação, mas também pode ser gerador de interpretações equivocadas.

Em segundo lugar, consideramos que o estudo dos gestos e das expressões associadas constitui um tipo de conhecimento sociocultural (QECR, 2001: 148), auxiliando também a estimular a «consciência intercultural» (QECR, 2001: 150). De acordo com o citado documento, deve entender-se por «conhecimento sociocultural» o conhecimento respeitante à «sociedade e à cultura da(s) comunidade(s) onde a língua é falada» (*idem*). Este tipo de conhecimento «merece uma atenção especial, uma vez que é provável que este tipo de conhecimento fique fora da experiência prévia do aprendente e seja distorcido por estereótipos».

Relativamente à «consciência intercultural», esta é definida de acordo com o QECR como «a consciência e compreensão da relação (semelhanças e diferenças distintivas) entre «o mundo de onde se vem» e «o mundo da comunidade alvo» (QECR, 2001: 150). Ao permitir e ao encorajar, do ponto de vista cultural, a reflexão entre aspetos semelhantes e diferentes de dois (ou mais) mundos, estabelecendo pontes, consideramos que este Projeto se encontra em consonância com as premissas contempladas no QECR.

2. O estudo dos gestos no desenvolvimento de de competências linguísticas

Na escala global dos níveis de proficiência do QECR, o utilizador proficiente (nível C) é descrito como aquele que «é capaz de se exprimir espontaneamente e de modo fluente, sendo «capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas» (QECR, 2001: 49).

Por sua vez, o utilizador independente (nível B) é definido como aquele que «é capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte» (QECR, 2001: 49). É de realçar também que, de acordo com o citado documento, o falante de nível avançado deve ser capaz de «participar sem esforço em qualquer conversa ou discussão e mesmo de utilizar expressões idiomáticas e coloquiais» (QECR, 2001: 54).

3. O gesto como propiciador do diálogo intercultural

Como até aqui mencionado, os gestos e as respetivas expressões linguísticas variam de acordo

com a cultura, veiculando, por vezes, através das expressões que os acompanham, alguns traços culturais.

Por exemplo, relativamente à expressão portuguesa «dar graxa», várias fontes apontam que esta expressão linguística tem origem no ato de «engraxar os sapatos», comum no princípio do século XIX na Europa. A explicação tem origem no facto de, normalmente, o engraxador de sapatos se encontrar sentado num nível inferior ao do cliente, «alimentando» a vaidade de outrem enquanto trabalha para o seu sustento.

Paralelamente, no PB, a expressão equivalente («puxa saco») terá surgido em contexto militar, uma vez que, antigamente, os soldados carregavam os seus pertences em sacos, e, por vezes, alguns «puxavam» também os sacos com roupa suja dos seus superiores hierárquicos.

Em japonês existe uma expressão com significado equivalente, contudo, a expressão idiomática correspondente é: 胡麻擦 (り) — *Goma o suru* ou *Goma suri*, respetivamente. De acordo com o *Grande Dicionário da Língua Japonesa* (日本国語大辞典), a expressão é definida como «ato de mostrar concordância com tudo e todos, de acordo com a conveniência e interesses próprios», ou «ato de tentar agradar a outrem de modo a obter benefícios próprios» ou «a pessoa que pratica tais atos».

Em japonês, a palavra «goma» significa «sésamo» e a expressão completa (*Goma o suru*) traduz-se por «moer sésamo». Como é conhecido, para além de o sésamo ser um ingrediente típico da cozinha japonesa, no Japão, é comum nalguns restaurantes a refeição ser acompanhada por um pequeno almofariz para moer o sésamo. O primeiro registo desta expressão remonta ao ano de 1877, tendo sido mencionada no âmbito do teatro *Kabuki*.¹⁴⁾ A origem da expressão está aparentemente relacionada com o facto de, ao moer o sésamo no almofariz, as pequenas partículas se «colarem» facilmente, constituindo assim metáfora do comportamento subserviente e insistente de alguém. Este exemplo permite desenvolver, do ponto de vista do estudo de uma LE, aquilo a que o QECR denomina de «capacidade intercultural» (QECR, 2001: 152), ao permitir, aos estudantes e aos docentes, estabelecer a comparação entre a perspetiva entre a cultura de origem e a cultura estrangeira. Para além disso, estimula o desenvolvimento da sensibilidade cultural e a capacidade para identificar e usar estratégias variadas para estabelecer o contacto com gentes de outras culturas, dotando o estudante da possibilidade de desempenhar o papel de intermediário cultural entre a sua própria cultura e a cultura estrangeira e de gerir eficazmente as situações de mal-entendidos e de conflitos interculturais. Deve-se realçar que este conjunto de competências «permitem ao indivíduo o desenvolvimento de uma personalidade mais rica e complexa, uma maior capacidade de aprendizagem linguística e também uma maior abertura a novas experiências culturais» (QECR, 2001: 73).

À semelhança do exemplo mencionado, existem muitos outros casos que poderíamos referir

como propiciadores do diálogo intercultural na sala de aula de LE. Contudo, essa análise não constitui objetivo do presente estudo. Pretendemos, sim, refletir no material que criámos enquanto mecanismo propiciador e encorajador do diálogo intercultural e de assim «configurar a emergência do Diverso como força de riqueza vivencial» (Bizarro, 2006: 6).

4. Os gestos ao longo do tempo: mudança e evolução

Os gestos são, tal como a linguagem, um sistema dinâmico, e, por conseguinte, vão sofrendo mutações ao longo do tempo. Um exemplo concreto é o do gesto que se refere ao ato de «telefonar». Se antigamente — entre os finais do século XIX e os meados do século XX — era comum assistir-se ao uso do gesto que reproduzia o ato de «dar à manivela» (devido ao formato dos telefones da época que exigiam esse movimento), mais tarde, — sobretudo a partir da década de 60 —, a generalização do telefone de disco influenciou a evolução deste gesto, que passou a ser o de reproduzir o ato de marcar o número de telefone no disco, rodando o dedo indicador junto ao ouvido. Hoje, as camadas mais jovens usam certamente o polegar e o mindinho esticado, mimetizando o formato do auscultador (ver Figura 5). Começamos também a verificar que é comum (sobretudo entre os mais jovens) o gesto que reproduz a escrita de mensagens no telemóvel, com o polegar a pressionar o teclado. Estas são apenas algumas das evoluções observáveis dos gestos ao longo dos tempos, que nos permitem concluir que são de carácter dinâmico e também influenciados por elementos do mundo exterior.



Figura 4 – Telefone à manivela (1896-1965)



Figura 5 - Gesto de «telefonar»

Relativamente ao gesto «telefonar», apresentamos uma síntese na tabela 10.

Referente	Faixa Etária	Gesto	Expressão
telefonar	FE1	G1	E1
	FE2	G2	

Tabela 10

5. Fatores de não-propagação dos gestos segundo Desmond Morris

No que diz respeito às origens dos gestos, como documentou Morris (1979), para uma grande parte dos gestos, não há uma só explicação possível, mas várias. Por exemplo, o autor indica que um gesto muito conhecido na Europa, o qual se caracteriza pela junção das pontas dos dedos da mão direita, beijando-as («o beijo da ponta dos dedos»), terá tido certamente origem na Grécia Antiga e em Roma: «Há documentos que mostram que os Gregos e Romanos, ao entrarem e saírem de um

templo, atiravam um beijo à imagem da divindade e também a objetos sagrados» (Morris, 1979: 32). O sentido deste gesto, que originalmente manifestava adoração, foi evoluindo, e hoje, num número significativo de países significa «louvor», numa área geográfica que se estende a partir de Espanha para o ocidente, através da França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Alemanha, Áustria e Jugoslávia, até à Grécia e à Turquia. Este é o exemplo de um gesto que «sobreviveu» ao tempo, tendo-se propagado por uma vasta área geográfica.

No século XVI, os portugueses foram o primeiro povo europeu a chegar ao Japão. Contudo, e apesar de muitos vocábulos da língua portuguesa se terem transferido para a língua japonesa, aparentemente, o mesmo não aconteceu com os gestos simbólicos.

Também na Europa, a extensa investigação empreendida por Morris mostrou que um conjunto significativo de gestos, apesar de serem conhecidos em vários países (muitos até vizinhos), tinha significados muito diferentes de país para país. A este propósito, o autor afirma que «Curiosamente, poucos dos gestos que estudamos poderiam ser classificados como exclusivamente britânicos, franceses, italianos ou pertencentes a qualquer outro país específico (...) Existe, contudo, um determinado número de significados gestuais que são verdadeiramente nacionais nos seus limites territoriais» (1979: 25).

Mas o que estará por detrás da sobrevivência, extinção ou propagação de determinado gesto? Como possíveis causas da não-propagação dos gestos, Morris elencou os seguintes fatores (1979: 39-41):

- 1) O fator do preconceito cultural e o desejo de ser diferente dos «vizinhos».
- 2) O fator do «espaço gestual» – quando já existe, em determinada cultura ou país um gesto com determinado significado, deixa de haver espaço para a transferência de um gesto diferente com o mesmo significado.
- 3) O fenómeno da «substituição dos gestos» – o surgimento de um novo gesto que se pode tornar moda e substituir o gesto «antigo».
- 4) A interferência de *tabus* locais – se, por exemplo, em determinada cultura, o beijo público é proibido, um gesto como o beijo na ponta dos dedos pode não se difundir.
- 5) Obscuridade do gesto – o facto de alguns gestos serem considerados «obscuros», isto é, de não serem inteligíveis senão no seio de uma cultura específica.

VIII. Conclusão

O estudo dos gestos constitui um campo aparentemente simples, mas é complexo, sobretudo quando analisado sob a perspetiva comparativa de duas variantes de uma mesma língua, como no caso do presente estudo ou quando analisada entre línguas e culturas diferentes. No que diz

respeito às expressões linguísticas e aos gestos, concluímos que embora o PE e o PB partilhem vários pontos em comum, existem também numerosas diferenças e especificidades que distinguem cada uma das variantes.

Iniciado há cerca de uma década atrás, o projeto *Gestos em Português* propiciou-nos, ao longo do seu processo de construção, um conjunto de reflexões linguísticas e também culturais que consideramos profundamente enriquecedoras e produtivas no processo de ensino, quer para os docentes, quer para os estudantes que escolheram estudar a língua portuguesa como língua estrangeira.

Efetivamente, o conhecimento dos aspetos não-verbais é fundamental no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, não só do ponto de vista da avaliação da proficiência linguística, mas também e principalmente do ponto de vista da aquisição de competências de expressão oral e de descodificação, como destacados pelo QECR, contribuindo ainda para impulsionar o diálogo intercultural.

Ao longo da elaboração do presente trabalho, verificámos que embora existam inúmeros estudos que se debruçam sobre a análise do gesto e da fala, são escassos os estudos dedicados aos gestos emblemáticos, especialmente sob uma perspetiva contrastiva entre as variantes de uma mesma língua, como aqui propusemos.

À medida que o projeto inicialmente delineado foi ganhando corpo, novas questões foram surgindo, merecedoras, a nosso ver, de uma mais profunda análise e estudo. Consideramos, desta forma, que há ainda um longo caminho a percorrer e muitas perspetivas a explorar no âmbito do estudo dos gestos e das variantes implicadas, como o referente, as expressões coloquiais, as questões culturais e geográficas.

A realização e o sucesso deste Projeto não teriam sido possíveis sem o empenho e colaboração incansáveis e a dedicação ímpar de todos os docentes e estudantes participantes da Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto e das Universidades de Coimbra e de São Paulo, a quem desejamos, por este meio, expressar o nosso mais cordial e sincero agradecimento.

Notas

- 1) Do presente trabalho, a estruturação e a seleção da tipologia de gestos analisados nas partes I, IV e V são de Shiro Iyanaga, sendo os demais capítulos e a estruturação textual da autoria de Karina Saldanha. As conclusões são fruto das ideias essenciais de ambos os autores, tendo surgido a partir das discussões que tiveram lugar nos meses de julho, agosto e setembro de 2017.
- 2) <https://www.priberam.pt/dlpo/dicionário>, acessado a 7 de setembro de 2017.
- 3) MCNEILL, David . 2006.- *Gesture*, University of Chicago Press
- 4) DE CONDILLAC, EB. 1971. *An essay on the origin of human knowledge*. T. Nugent (Tr.): Scholars Facsimilies and Reprints, Gainesville, FL. – (originalmente publicado em 1746).

- 5) ASL - *American Sign Language*, em português, *Língua Gestual Americana*.
- 6) GARDNER, Alain e GARDNER, Beatrice. 1969. *Teaching Sign Language to a Chimpanzee*, Science, New Series, Vol. 165, No. 3894. (Aug. 15, 1969), pp. 664–672.
- 7) Professores Shiro Iyanaga e José Júlio Rodrigues da UEEQ.
- 8) Itálico nosso.
- 9) No âmbito do referido projeto, os diálogos 1 a 12 foram concebidos pelos autores IYANAGA e RODRIGUES; os diálogos 13 a 27 são da autoria do Professor Rodrigues e os diálogos 28 a 30 foram escritos pelo Professor Rodrigues em colaboração com a Professora Catarina Maia (Universidade de Coimbra), a quem desejamos endereçar por este meio um agradecimento especial pelo seu contributo.
- 10) Dirigimos, por este meio, o nosso cordial agradecimento à Dra. Célia Dias e ao Dr. Joel Sene e aos estudantes da Universidade de São Paulo que colaboraram neste projeto.
- 11) Os vídeos encontram-se disponíveis em : http://www.gestospt.org/imagens4/index_14.html
- 12) A expressão «dar graxa» entre os falantes do PE, é inteligível mesmo quando apenas verbalizada. De igual modo, a execução do gesto é igualmente inteligível entre os falantes, dispensando a expressão linguística.
- 13) MORRIS, Desmond. *Gestos: suas origens e significados*. 1979. Mem Martins: Publicações Europa América.
- 14) *Grande Dicionário da Língua Japonesa*, 1974. volume 8, p. 372 e 380. Shogakkan.

Bibliografia

- AQUI, Hamiru et CHANG, Aileen. 2004. *70 Japanese Gestures*, Tóquio: IBC Publishing.
- BARREIRO, Anabela et al. 1995. *Lexical differences between European and Brazilian Portuguese*, The INESC Journal of Research & Development.
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra et al. 2016.– *Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil*, vol. 45, pp. 411–426, São Paulo: Estudos Linguísticos.
- COBALLIS, Michael C. 2009 *The gestural origins of language* – WIREs Cognitive Science 2010 1 2–7
- CONSELHO DA EUROPA. 2001. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação* (Maria do Rosário e Nuno Soares trad.), Porto: Asa.
- CORBALLIS, Michael C. 2016. *Precursors to Language*, Topoi.
- HEWES, Gordon W. . 1973. *Primate Communication and the Gestural Origin of Language* –University of Chicago Press.
- IYANAGA, Shiro e RODRIGUES, José Júlio. 2015. ポルトガル語のジェスチャー — ポルトガル・ブラジル – *Gestos em Português (Portugal & Brasil)*. Quioto: Seitosha.
- KENDON, Adam. 1981. *The study of gesture: some remarks on its History* – Recherches Sémiotiques.
- KENDON, Adam. 2016. *Reflections on the «gesture-first» hypotheses of language origins* – Psychonomich Bulletin & Review.
- KENDON, Adam. 2000. *Language and gesture: unity or duality?* – Cambridge University Press.
- MCNEILL, David. 2002. *Gesture and Language Dialectic* – Acta Linguistica Hafniensia: International - Journal of Linguistics.
- MCNEILL, David. 2008. *Gesture: A Psycholinguistic Approach* – Psycholinguistics Section, The Encyclopedia of Language and Linguistics.
- MORRIS, Desmond et alii. 1979. *Os gestos – Suas origens e significado* – Mem Martins: Publicações Europa-América.

- STAM, Gale. 2008. *What gestures reveal about second language acquisition* – in McCafferty, S. and STAM, Gale. 2008. *Gesture: Second Language Acquisition and Classroom Research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Publishers.
- TEYSSIER, Paul . 1976. *Manuel de Langue Portugaise (Portugal-Brésil)*, Paris: Éditions Klincksieck.
- Grande Dicionário da Língua Japonesa*. 1974. volume 8, Shogakkan.

